



**Universidade Federal do Pará**  
**Centro de Ciências Agrárias**  
**Núcleo de Estudos Integrados sobre Agricultura Familiar - NEAF**  
**Programa de Pós-graduação em Agricultura Amazônica - MAFDS**

**Nº. 001.**

**De antas e outros bichos: expressão do conhecimento nativo**

Jane Felipe Beltrão

*Gutemberg Armando Diniz Guerra*

**2003**

## De antas e outros bichos: expressão do conhecimento nativo

### Of tapirs and other species: an expression of native knowledge

Jane Felipe Beltrão<sup>1</sup>  
Gutemberg Armando Diniz Guerra<sup>2</sup>

**Resumo:** Parte do trabalho do antropólogo consiste em entender os significados das construções dos grupos humanos. O registro preciso e detalhado é uma das técnicas que lhe permite alcançar este objetivo. Expressando sua técnica de coleta de informação em sua produção literária, temos no livro de Jorge Pozzobon, *Vocês, brancos, não tem alma. Histórias de fronteiras*, uma demonstração de como ele exercia sua profissão e em que grau de precisão conseguia chegar. O seu caderno de campo se constituiu em instrumento importante dessa prática e é a partir dele que se fazem as reflexões expressas neste artigo.

**Palavras-chave:** trabalho de campo, caderno de campo, pesquisa antropológica.

**Abstract:** A part of the anthropologist work is to understand meaning construction. The precise and comprehensive data collection is one of the techniques used in anthropological research. The book by Jorge Pozzobon, *Vocês, brancos, não tem alma. Histórias de fronteiras* (*You white people don't have souls. Stories from the Frontier.*) reveals such technique as a tool to write a piece of literature. An anthropologist himself, Pozzobon demonstrates his professional ability to the level of precision essential to the craft. This article reflects on his field notes to unveil the anthropological practice.

**Key words:** field work, field notes, anthropology research.

A anta ou tapir (*tápirus terrestris*, L.) é um mamífero que tem dupla interpretação na cultura da população brasileira. Entre os indígenas a sua carne é apreciada, para alguns tem até a reputação de dar ou reforçar o dom atribuído aos pajés. Caçar anta ultrapassa as fronteiras da sobrevivência física, adquirindo contornos mágicos religiosos. Entre os brancos a anta é símbolo de pessoa desajeitada, pachorrenta, vagarosa, pouco inteligente, mas a anta é mais inteligente do que se pensa, como veremos no texto. Assim sendo, o título é ao mesmo tempo uma provocação e um desafio para evitar que conhecimento e ignorância, no sentido de desconhecimento se contraponham. Nosso esforço é apresentar o conhecimento nativo – ciência concreta, como quer Levi-Strauss (1970) *versus* a reconhecida ignorância de branco do pesquisador ao entrar na floresta – tomada em sentido

---

<sup>1</sup> Antropóloga e historiadora, professora junto ao Departamento de Antropologia (DEAN) do Centro de Filosofia e Ciências Humanas (CFCH) da Universidade Federal do Pará (UFPA). Endereço eletrônico: [jane@ufpa.br](mailto:jane@ufpa.br)

<sup>2</sup> Engenheiro Agrônomo e Doutor em Sócio-economia, professor adjunto do Centro Agropecuário da (CAP) da UFPA. Endereço eletrônico: [gute@amazon.com.br](mailto:gute@amazon.com.br)

ancho, espaço de trabalho de campo – local onde mesmo um pesquisador curioso e atento, precisa pisar com cautela para se assenhorear-se das entranhas da mata.

Fazer ciência, produzir novos conhecimentos exige disciplina e concentração. Elaborar conceitos ou refazê-los, um dos pilares da atividade científica, exige ir e voltar sobre eles, burilando-os, refinando-os até que representem o melhor possível o objeto ou a ação que se pretende descrever ou analisar. O registro escrito, fotografado, memorizado é matéria prima dessa elaboração. Autores importantes de todas as áreas utilizaram quotidianamente em seus trabalhos cadernos de campo. Podemos citar alguns como exemplos e referências, publicados como diários, artigos, crônicas, cartas, prefácios ou livros, entre tantas possibilidades. As formas foram diversas, mas o que vamos aproveitar é o fato de terem sido registros que permitiram um grau de maior precisão na elaboração dos seus textos. Euclides da Cunha pode muito nos ensinar em seu *Diário de uma expedição* (2000). O mesmo pode-se dizer de Marx, considerando as observações de Engels:

“[e]ntre seus papéis encontrou-se um exemplar em alemão contendo correções feitas por ele em vários lugares e referências remissivas à edição francesa; achou-se, também, um exemplar em francês, onde ele marcou, precisamente, as passagens a utilizar. Estas correções e acréscimos limitam-se, com poucas exceções, à última parte do livro, intitulada "O processo de acumulação do capital". O texto estava aí mais próximo do rascunho primitivo, mas as partes precedentes tinham sido aperfeiçoadas mais a fundo. O estilo na parte final era, por isso, mais vivo, saído de um jato, porém mais descuidado, salpicado de anglicismos e, em alguns pontos, pouco claro, ocorrendo, às vezes, lacunas no processo de exposição, por terem sido apenas esboçados alguns argumentos importantes.” (1967: 23)

O que se deve notar da característica do registro é que ele foi feito não apenas no trabalho de observação de campo, mas também por meio de leitura, elaboração e revisão de textos.

Outro depoimento importante sobre este procedimento metodológico é o que faz Lindanor Celina (1983) em *Pranto por Dalcídio Jurandir*, quando revela muito do processo criativo dela e do romancista paraense de Ponta de Pedras. Se bem que o trabalho de ambos se dava no plano da ficção, o que vale para este exercício e reflexão é o processo de coleta da “matéria prima” vista no seguinte trecho:

“[u]m dia o levamos à igreja de Icoaraci. Ali chegando pôs-se a olhar para tudo com muita atenção. Estou a vê-lo: Dalcídio, pescoço esticado, ia torcendo a cabeça e fazendo a volta sobre si mesmo.

- O que é isso?

- Estou lendo aquela inscrição.

Eram compridos dizeres bíblicos que ele num átimo decorou. Saiu dali sabia todinha a inscrição. Eu, intrigada: "Vais pôr em livro?" – Não especialmente. Faz parte do meu exercício cotidiano". –

Exercício?" – "Pois claro". E com toda paciência deu-me essa aula, preciosa: "A nossa profissão é feita destas coisas. Principalmente desse captar tudo, a cada hora, cada momento. Não é só saber escutar o que as pessoas falam, ou o que a leitura nos traz. Ouvir, ver, gravar o máximo". – "Mas isso é impossível, Dalcídio. A gente devia então andar de caderno na mão, vida toda". Ele: "Tem quem o faça. Eu, às vezes, quando posso, quando dá, depende. Mas é importante demais esta *ginástica*." (1983: 73)

Muito se aprende também nos trabalhos do poeta Castro Alves que em suas cartas aos parentes e amigos referia sua preocupação com a elaboração e revisão dos textos, colocando em relevo a importância da crítica. Mas passemos ao nosso antropólogo gaúcho e seu exercício profissional na Amazônia.

## Domesticando o olhar

Usando do conhecimento de Jorge Pozzobon e de sua capacidade de contador de histórias, ficamos “matutando”, termo nativo correspondente a problematizar em “antropologuês”, como demonstrar, aos alunos, a utilidade do diário de campo? Percorremos as histórias de fronteiras<sup>3</sup> e achamos o filão. Pode-se dizer que este seu livro é um caderno de campo reelaborado porque nele o antropólogo se joga com os seus dados e sua criatividade. Um dos capítulos, porém, guarda a estrutura das anotações do caderno, com as datas encimando as anotações. No registro, a indicação do local onde ele estava e quem lhe forneceu as informações, vamos saber no corpo do texto, completando-se a indicação mínima precisa sobre a coleta e confiabilidade da informação.

De importância fundamental é o que Jorge conta de como fazia os registros:

“Tudo isso me contou o velho Nyaam Hi, hoje à tarde, num passeio pelo mato. Enquanto ele falava, eu gravava as explicações, a fim de escutar mais tarde e aprender a língua Hupdu, que ainda entendo mal.” (Pozzobon, 2002: 35-36)

O instrumento de trabalho para o registro é o gravador e a estratégia é seguir o informante ao local sobre o qual ele pretende falar e ouvi-lo na língua nativa. Isto obriga o pesquisador ao esforço de aprendizado da língua que se torna igualmente instrumento de apreensão da realidade apresentada pelo interlocutor. Falar ou fazer falar o informante vendo o que ele deseja faz a diferença de registro construído ao largo feito a partir da memória do pesquisador. Para os que trabalham sobre a compreensão do uso dos recursos naturais ou cultivados, é recomendável uma caminhada na roça, na mata, na capoeira porque ali se estabelece um diálogo que pode ser enriquecido com a

---

<sup>3</sup> Cf. POZZOBON, Jorge. “*Vocês, brancos, não têm alma*” histórias de fronteiras. Belém, UFPA/MPEG, 2002.

provação dos olhos, dos cheiros, do tato, dos gostos e dos ruídos comuns a estes lugares. Faz diferença entrevistar o agricultor em sua casa, em sua roça, em seu lote e fazê-lo na sede do sindicato, ou em uma sala de aula, na universidade. É sensível a diferença entre conversar com alguém em um ambiente ao qual ele deve fazer referência e dialogar sobre este mesmo ambiente fora dele, especialmente porque o indígena e/ou o camponês pensam tendo como lastro seu universo cultural.

“Felizmente aprendi um pouco de Yuhup na Colômbia. Esses dois idiomas Maku são bem semelhantes de modo que consigo pescar o sentido do que o velho conta. Porém o que mais ajuda não é minha facilidade para línguas, e sim o fato de ouvir explicações tão precisas in loco, no meio do mato, com os exemplos pululando diante do meu nariz.” (Pozzobon, 2002: 36)

Falando de sua amizade e compromisso com os índios que se constituíram em sujeitos de seu trabalho, Jorge Pozzobon demonstra como boa parte de sua parceria se construiu ao escutar e observar, reconhecendo a competência do outro em manifestar claramente a sua concepção de mundo. Boa dose do aprendizado que se faz do mundo decorre da postura aberta para absorver os significados dados pelos outros à leitura deste mundo. Para entender a floresta e seus habitantes, nada melhor do que estabelecer uma parceria com aqueles que nela habitam e dela tiram proveito. Os índios Maku foram os mestres de Jorge Pozzobon que, sabiamente, por eles se deixou guiar naquilo que era preciso aprender sobre o mundo nativo. Mas não basta fazer parcerias, é preciso fazê-las com quem pode exercê-las permitindo trocas e fluxos que garantam o alcance dos objetivos pretendidos.

Neste sentido Nyaam Hi é um interlocutor privilegiado pois não se trata de um nativo qualquer. O velho Nyaam Hi trazia a experiência da idade e os atributos de sua sociedade. Não apenas sabia caçar, mas exercia este saber e desta prática alimentava sua existência material e cultural. Nyaam Hi é não apenas produto de sua cultura mas alguém capaz de reproduzi-la e explica-la. Pozzobon o escolheu como guia e amigo, a recíproca parece ser verdadeira.

Entre as muitas parcerias estabelecidas entre os detentores do conhecimento nativo e o antropólogo estão: guiar pesquisador na floresta, pois sobretudo os índios, no caso os Maku,

conhecem a floresta como a palma de suas mãos. Reproduz-se, a seguir, depoimento de Jorge Pozzobon, sobre os ensinamentos de Nyaam Hi<sup>4</sup>:

“[p]ara seguir rastro de caça antes da chuva, é só observar o chão, que os bichos sempre acabam virando as folhas mortas quando passam. O lado da folha que estava para baixo sempre é mais úmido, mais escuro. Então, você tem que seguir aquelas folhas úmidas e escuras. Mas se for logo depois da chuva, você faz o contrário, porque as folhas reviradas pela passagem do bicho estão agora mais secas que as outras” (2002:35)

Treinar a sensibilidade do pesquisador para “ouvir” e “ver” a natureza, ou indicar as diferenças entre as inúmeras espécies, quando nós, mesmo não sendo míopes, não nos apercebemos delas, talvez seja habilidade nativa, menos conhecida. Identificar espécies; localizar elementos da fauna; apontar áreas de ocorrência de espécies; coletar espécimes; preparar espécimes para remoção ao cativeiro, ao laboratório.

No caso da leitura feita por Nyaam Hi, aliás um belo exemplo de leitura, o que importa não é apenas a detalhe observado, mas a conclusão que dele se pode tirar. A leitura, no caso vai bem mais além da linha do signo, se materializa na entrelinhas, no não dito, no ficar em silêncio.

É dessa outra forma de ver, no detalhe, dialogando com o que se nos apresenta à visão que se faz a diferença entre o pesquisador e outros observadores, mesmo os mais argutos, embora, muitas vezes, se utilize observação de terceiros, pois jamais se despreza informação. É o caso das informações oriundas de viajantes e naturalistas do século XIX, fonte de conhecimento a antropólogos, historiadores e agrônomos, entre outros profissionais.

Indicar a nomenclatura nativa das espécies, sem a qual nenhum mateiro pode nos auxiliar em campo; preservar espécies, quer em seus nichos originais, pelo respeito aos ciclos biológicos de animais, através de interditos; quer pela domesticação de espécies; descobrir “novas” espécies, informando, ao pesquisador, sobre seus hábitos e utilidade para o grupo, também se inclui no repertório das contribuições do nativo; estas práticas, não ajudam somente o pesquisador, mas os usuários em potencial.

---

<sup>4</sup> O índio Nyaam Hi é um sábio e vai fazer parte de toda história de vida profissional e dilemas existenciais de Pozzobon.

Os especialistas nativos não se furtam em oferecer detalhadas descrições do como e onde encontrar o animal, de quando e como utilizá-lo, constituindo uma rede de iniciados, mesmo não tendo uma banca escolar. As “aulas práticas” implicam em “... ouvir explicações tão precisas *in loco*, no meio do mato, com os exemplos pulando diante do nariz” (Pozzobon, 2002: 36) diz Jorge ao comentar os ensinamentos de Nyaam Hi, seu mestre Maku.

É fácil aprender fazendo,

“[q]uando se cortam árvores novas da floresta tropical a golpes de facão, elas secam e morrem. Mas se forem apenas quebradas com a mão em vez de decepadas por completo, elas formam um nó no lugar quebrado e continuam crescendo. Os índios sabem dizer a idade de um caminho aberto à mão pela altura das arvorezinhas do chão até o nó. A trilha em que estávamos devia ter aproximadamente um ano” (2002: 44-45)

Ao final da trilha, o pesquisador já consegue reconhecer os detalhes.

Relatar, com riqueza etnográfica, os hábitos dos animais, revelando os locais que costumam frequentar para comer, saciar a sede ou descansar, a partir da observação dos rastros, é arte de caçador. Como anota Jorge em seu diário,

“[c]aminhamos uma hora e topamos com rastros frescos, bem onde as mulheres disseram. Era um olho d’água, nascente de igarapé. As antas gostam desses lugares, porque sempre tem sal para lambar. A lama em volta da vertente estava toda pisoteada. Havia marcas de filhotes, de mães e de machos. Uma rede de caminhos de anta irradiava em várias direções. Pegamos o caminho mais marcado. Os índios concluíram ter sido feito por uma fêmea prenhe, porque as marcas no chão eram realmente fundas, sobretudo as marcas das patas traseiras.” (2002: 37)

Para alcançar a anta, relata Pozzobon,

“[m]ais uns 40 minutos de caminhada – e lá estava um cocô recém feito, majestoso, bonito, denunciando a sua dona. Mais adiante, um arbusto derrubado. Folhas mastigadas, bem frescas. Nyaam Hi fez sinal para que parássemos e seguiu em frente sozinho, pé ante pé. Ainda não tinha contato visual, mas estava muito perto. Demorou acho que meia hora para andar dez metros. Quase não o víamos mais, atrás da vegetação. Parou e armou a flecha lentamente. A essa altura, o animal decerto já estava sob o seu olhar exato” (2002:37)

Mas a aula magistral estava por vir, informando a lógica da floresta:

“[d]epois Nyaam Hi me explicou com palavras, gestos e desenhos no chão. Quando não se consegue derrubar a anta na primeira tentativa e ela dispara, o grupo de caçadores se divide em dois. O primeiro grupo persegue o animal com muito alarido, para o outro grupo saber a direção da fuga. A trajetória da anta em fuga sempre descreve um longo arco. Pelo barulho dos perseguidores, o segundo

grupo sabe qual a direção do arco: se vai dobrando para o norte, o sul, o leste ou o oeste do ponto em que começou a fuga. Então, o segundo grupo sai em linha reta, cortando o arco justo no lugar onde tem certeza que o bicho vai passar. Quando ele chega lá, é recebido com uma saraivada de flechas pela frente. Mas é preciso ser safo, do contrário a anta leva a gente de roldão. É dar o tiro e saltar para o lado.” (2002:39)

Além de terem em mãos, utensílios para aprisionamento e abate de espécies, também, faz parte do universo de colaboração estabelecido entre o nativo e o pesquisador o repasse de informações sobre o comportamento do animal. De que adiantava o Jorge empunhar seu “22” (revolver), sem conhecer o arco descrito pela anta em fuga?

Pelos ensinamentos, deduzimos que as atividades não são realizadas apenas pela demanda do pesquisador, mas quotidianamente, afinal os Maku “... se notabilizaram na literatura etnográfica da área [rio Negro/AM] por terem uma economia centrada na caça e na coleta ... caçam em territórios de cerca de 10 km de raio em torno de cada aldeia ...”<sup>5</sup>

É importante perceber que as pessoas que detêm o conhecimento nativo não podem ser consideradas curiosas, no sentido de que não fundamentam sua prática. Uma pessoa é considerada curiosa quando ao ser questionada sobre o porquê de realizar uma atividade de determinada forma e não de outra, geralmente não consegue responder, ou se o faz é de forma evasiva, sem demonstrar segurança no que fala, porque não fundamenta seu conhecimento em princípios de ordenação e sistematização.

Constata-se que a contribuição dos nativos é imprescindível a qualquer proposta de conhecimento da diversidade dos animais de uma determinada área, entretanto o êxito das ações depende de colaboração e respeito.

Os profissionais interessados em trabalhar a diversidade da fauna precisam aprender com quem sabe, para poder penetrar no universo nativo e obter reconhecimento social. Especialmente, considerando o ‘desgaste’ das verdades temporárias do dito conhecimento científico.



Voltando ao problema, será que o valor do que se escreve no diário de campo permanece “ativo” ou serve apenas momentaneamente? O diário de Jorge parece ser fonte ilimitada de produção de textos. Em 1999, através do Programa Nacional de Diversidade Biológica (PRONABIO), Pozzobon volta ao rio Negro, acompanhado de dois mastozoólogos e realiza trabalho de identificação de áreas prioritárias para uso sustentável e conservação da biodiversidade. O texto, ainda inédito, revela o quanto o autor foi cinzelado por Nyaam Hi.

Ao descrever o acesso à área dizem Pozzobon *et al.*:

“[o]s Maku desta sub-região ... pertencem ao sub-grupo Hupdu, um dos seis sub-grupos de fala Maku na região do Noroeste Amazônico. A aldeia visitada pela equipe (Pidn Bu, ...) é uma das mais tradicionais e isoladas entre os Hupdu. Para atingí-la a partir de São Gabriel da Cachoeira, é preciso navegar por dois dias (motor de popa de 30 HP), subindo o Rio Negro, o Uaupés e finalmente até o alto Tiquiê. Toma-se, então, o Igarapé Cabari navega-se por mais uma hora (em marcha lenta, devido aos troncos submersos) até chegar à última aldeia Tukano do igarapé. A partir daí, o Cabari já não é mais navegável. Toma-se então uma trilha tipicamente Maku, onde se caminha cerca de 4 horas até chegar em Pidn Bu.” (2000: 3)

Durante a viagem, dizem os autores:

“... pudemos avistar duas onças (*Panthera onca*) atravessando juntas o Rio Tiquiê (uma delas era preta), dois bandos de macacos barrigudos (*Lagothrix*), além de muitas aves e rastros de roedores, especialmente pacas (*Agouti*). Chamou-nos a atenção a pelagem dos macacos barrigudos, por ser clara, alourada, em vez do cinzento habitualmente encontrado em outras regiões da Amazônia.” (2000: 3)

Revirando o diário e cotejando as observações constantes do texto percebe-se que os informantes não são, unicamente, excelentes professores. São artistas que cinzelam novas criaturas, aptas ao respeito e argutas na observação. Gente feita de fina e rara sensibilidade, pena que nem todos sejam Nyaam Hi, e poucos sejam antropólogos como Yossi Deh-Naw.<sup>6</sup>

---

<sup>5</sup> Cf. POZZOBON, Jorge; SILVA, Maria de Nazareth F. da & SALLES, Leandro Oliveira. “Os índios Hupdu (Maku) e a diversidade de mamíferos na região do alto rio Negro.” Texto inédito submetido ao Boletim do Museu Nacional em 2000.

<sup>6</sup> Como informa Beto Ricardo, Yossi é corruptela de Jorge e Deh-Naw, significa do “clã” da água boa, versão do significado do seu sobrenome (POZZOBON, 2002: 11).

## Tesouro esquecido

Ter com o que anotar quando se está observando sistematicamente é uma excelente prática no exercício científico. As formas podem ser várias, passando pela caderneta de campo, diário, fotografia, gravador ou memorização. A experiência dos antropólogos em particular e de pesquisadores das diversas áreas em geral demonstram como este procedimento pode em muito enriquecer e dar consistência ao processo de construção das evidências dos fatos observados. O poder voltar ao registro de campo, é fundamental para a percepção de sua permanência ou transformação, seja do objeto em si mesmo, seja da leitura que dele se faz. O caderno de campo é um tesouro valioso, uma prática simples e eficiente auxiliar da observação e armazenamento de dados sobre a realidade. Verificar como os cientistas exercem esta prática pode ser uma excelente fonte de aprendizado para quem pretende enveredar pela área da pesquisa. Ou seja, a escuta, a observação, o provocar depoimentos e o registro são passos para compreender a ciência nativa e evitar o enquadramento no estereótipo da anta, criado pelos brancos desalmados.

## Bibliografia citada

CELINA, Lindanor. *Pranto por Dalcídio Jurandir: memórias*. Belém, Secdet, Falângola, 1983.

CUNHA, Euclides da. *Diário de uma expedição*. São Paulo, Companhia das Letras, 2000.

ENGELS, Friedrich. “Prefácio da 3<sup>a</sup>. edição” In: Marx, Karl. *O capital. Crítica da economia política. Livro primeiro. O processo de produção do capital*. Tradução de Reginaldo Sant’Anna. São Paulo, Editora Bertrand Brasil, 1967.

LÉVI-STRAUS, Claude. *O pensamento selvagem*. São Paulo, Nacional/EdUSP, 1970.

POZZOBON, Jorge. “*Vocês, brancos, não têm alma*” *histórias de fronteiras*. Belém, UFPA/MPEG, 2002.

POZZOBON, Jorge; SILVA, Maria de Nazareth F. da & SALLES, Leandro Oliveira. “Os índios Hupdu (Maku) e a diversidade de mamíferos na região do alto rio Negro.” Texto inédito submetido ao Boletim do Museu Nacional em 2000.